

CRÓNICA DOS ANOS PERDIDOS¹

Winston Churchill

Ao longo do Verão de 1932, com a finalidade de me documentar para a *Vida de Marlborough* que então escrevia, visitei os campos de batalha nos Países-Baixos e na Alemanha, onde se tinha batido o meu herói.² [...] À medida que caminhávamos através desta bela região, passando por tantas cidades antigas e famosas, eu, naturalmente, formulava perguntas sobre o movimento hitleriano e sentia que cada alemão estava preocupado ao mais alto grau. Experimentei o sentimento de uma atmosfera hitleriana. Depois de uma jornada passada no campo de batalha de Blenheim, cheguei a Munique de automóvel e ali me quedei por quase uma semana.

No hotel Regina, apresentou-se um cavalheiro a alguns dos meus companheiros. Chamava-se Hanfstængel e falava abundantemente do Führer, do qual parecia ser muito chegado. Como se tratava de um jovem animado e muito loquaz, falando um excelente inglês, convidei-o para jantar. Fez-nos um quadro dos mais interessantes sobre a actividade e as opiniões de Hitler, falando como se estivesse sob o efeito de um encantamento. Provavelmente, teria recebido a missão de entrar em contacto comigo, e, era patente, estava desejoso de agradar. Depois do jantar, pôs-se ao piano, tocando e cantando diversas árias e canções, de um modo tão extraordinário que acabámos por passar uma noite excelente. Parecia conhecer todas as árias inglesas da minha preferência. Era um homem dos mais divertidos e, à época, um favorito do Führer. Disse-me que eu devia encontrar-me com Hitler e que seria fácil arranjar essa entrevista. Hitler vinha todos os dias ao hotel, cerca das 17 horas, e teria todo o gosto de me ver.



Ernest Hanfstængel ("Putzi"), com Hitler e Göring, em 1932

Não tinha, então, qualquer preconceito de ordem nacional contra Hitler. Conhecia mal a sua doutrina e a sua carreira e absolutamente nada sobre o seu carácter. Admiro os homens que tomam a defesa do seu país vencido, mesmo sendo eu do partido oposto. Reconhecia-lhe, plenamente, o direito de ser um alemão patriota e sempre desejei ver a Inglaterra, a França e a Alemanha unidas pela amizade. Entretanto, no decurso da minha conversa com Hanfstængel, deu-me para lhe perguntar: «Porque é que o vosso chefe é tão violento para com os judeus? Compreendo perfeitamente que nos irriteemos contra os judeus que se portam mal ou que prejudicam o país, e concebo que se lhes resista se tentam açambarcar o poder num qualquer domínio, mas que sentido

¹ Título da minha responsabilidade, inspirado no título do capítulo V do Vol. I – Os Anos Perdidos.

² Trata-se do general John Churchill, 1.º Duque de Marlborough (1650-1722), antepassado do próprio Winston Churchill. (Nota do tradutor)

faz combater um homem simplesmente por causa do seu nascimento? Como é que alguém pode ser responsável pelo seu nascimento?» Não há dúvida de que ele relatou estas palavras a Hitler, uma vez que, no dia seguinte, cerca do meio-dia, apareceu com ar bastante sério, dizendo-me que o encontro com Hitler não poderia concretizar-se porque o Führer não viria ao hotel nessa tarde. Foi o meu último encontro com «Putzi»³ – era esse o seu cognome –, ainda que o nosso grupo tivesse continuado no hotel durante alguns dias. Foi assim que Hitler perdeu a sua única oportunidade de se encontrar comigo. Mais tarde, quando se tornou todo-poderoso, recebi da sua parte diversos convites, todos eles por mim declinados, porque, entretanto, se haviam passado muitas coisas.

* * *

Durante todo este período, os Estados Unidos mantiveram-se profundamente preocupados com os seus graves problemas internos e económicos. A Europa e o longínquo Japão observavam com atenção o crescimento do poderio militar alemão. Os Escandinavos, os Estados do Pequeno-Entendimento (Petite-Entente)⁴ e alguns países balcânicos exprimiam uma crescente inquietude. Uma profunda ansiedade reinava em França, onde havia um grande conhecimento sobre a actividade de Hitler e os preparativos alemães. Tinha sido organizado um catálogo completo das violações dos tratados – enormes e temíveis na sua gravidade – cometidas pela Alemanha; mas quando eu perguntava aos meus amigos franceses porque é que eles não recorriam à Sociedade das Nações, porque é que a Alemanha não era convidada ou mesmo intimada a explicar a sua conduta e a definir as suas intenções, respondiam-me que o governo britânico desaprovava medidas tão alarmantes. Deste modo, enquanto o Sr. MacDonald⁵, apoiado em toda a autoridade do Sr. Baldwin⁶, exortava a França ao desarmamento e o aplicava aos Ingleses, os Alemães tinham tempo para avançar em passos de gigante, não tardando o dia em que pudessem actuar abertamente.

Para ser justo em relação ao Partido Conservador, devo referir que, a partir de 1932, a cada Congresso da União Nacional das Associações Conservadoras, adoptaram-se, quase por unanimidade, resoluções, propostas por personalidades importantes, como lorde Lloyd e sir Henry Croft, a favor de um incremento imediato dos nossos armamentos, para fazer frente à crescente ameaça externa. Mas, nessa época, a Câmara dos Comuns estava tão bem controlada pelos chefes da maioria, e, os três partidos do governo assim como a oposição trabalhista tinham mergulhado numa letargia tão profunda e mostravam-se de tal modo cegos, que os alertas de uma parte da opinião pública não tinham mais efeito sobre eles do que os próprios acontecimentos e as provas fornecidas pelos serviços secretos. Encontrávamo-nos num daqueles períodos terríveis, como há vários na nossa história, em que a nobre nação britânica parece abandonar a sua grandeza, perder toda a firmeza nos seus desígnios e recuar cobardemente diante da ameaça externa, invocando piedosas banalidades enquanto o inimigo dá lustro às suas armas.

Estes anos negros viram os chefes responsáveis dos diversos partidos políticos adoptar os sentimentos mais baixos ou, pelo menos, deixaram-nos expressar-se sem levantar o mínimo protesto. Em 1932, instigados por um tal Sr. Joad, os estudantes da União de Oxford aprovaram esta resolução, que ficará, para sempre, vergonhosa: «Recusamos bater-nos pelo rei e pela pátria.» Em Inglaterra, podíamos bem troçar de um incidente como este, mas na Alemanha, na Rússia, na Itália, no Japão, a ideia de uma Inglaterra decadente e degenerada criava raízes profundas e ia influenciando muitas das cogitações políticas. Os jovens irreflectidos que aprovaram esta resolução não tinham imaginado em absoluto que estavam destinados, num futuro bem próximo, a vencer ou morrer gloriosamente no decurso da futura guerra, e, desse modo, a tornarem-se a mais bela geração

³ Breve vídeo com imagens de “Putzi” em https://www.ushmm.org/online/film/display/detail.php?file_num=3367

⁴ Aliança militar estabelecida, entre as duas guerras, entre a Checoslováquia, a Jugoslávia e a Roménia. (Nota do tradutor)

⁵ James Ramsay MacDonald, 1.º Ministro britânico (05-06-1929 a 07-06-1935) oriundo do Partido Trabalhista. (Nota do tradutor)

⁶ Stanley Baldwin, 1.º Ministro britânico (07-06-1935 a 28-05-1937) oriundo do Partido Conservador. No governo trabalhista de MacDonald, os Conservadores faziam parte da coligação no poder. (Nota do tradutor)

da história de Inglaterra. Os mais velhos deles, que não tiveram a oportunidade de se resgatarem pelo combate, tinham menos desculpas.⁷

Em Novembro de 1933, decorreu na Câmara dos Comuns um debate em que retomei um dos meus temas favoritos:

Lemos que a Alemanha está a proceder a grandes importações de ferragem, de níquel e de outros metais necessários para a guerra, totalmente desproporcionais para as suas normais necessidades. Lemos todo o tipo de notícias a respeito de um espírito militarista que prolifera por todo o país. Vemos a juventude alemã ser submetida a uma filosofia sanguinária, sem paralelo na história desde o tempo dos Bárbaros. Vemos todas estas forças em acção e temos a obrigação de nos recordarmos de que é esta mesma e poderosa Alemanha que combateu o mundo inteiro e esteve perto de o vencer; é esta mesma e poderosa Alemanha que fez perder aos seus adversários duas vezes e meia mais homens do que ela própria perdeu⁸. Não admira que, em presença de todos estes preparativos, de todas as teorias e declarações explícitas, o alarme tenha soado em todas as nações que contornam a Alemanha...

Enquanto se efectuava na Europa esta assustadora transformação da relação de forças militares entre vencedores e vencidos, as nações pacíficas mostravam, também, uma total falta de unidade de acção no Extremo-Oriente. Esta história forma a contrapartida dos desastrosos acontecimentos na Europa e provém da mesma paralisia de pensamento e de acção que contaminava o conjunto dos chefes dos Aliados, da véspera e do amanhã.



A tempestade económica de 1929 a 1931 não tinha afectado menos o Japão do que o resto do mundo. Desde 1914, a sua população passara de 50 a 70 milhões; o número das suas fábricas metalúrgicas de 50 a 148; o custo de vida havia aumentado regularmente. A produção de arroz estacionara e a sua importação era dispendiosa. A carência de matérias-primas e de mercados de exportação externos eram, por conseguinte, gritantes. A Grã-Bretanha e outras quarenta nações

⁷ Não posso deixar de contar a seguinte história: a União de Oxford tinha-me convidado a falar diante dos estudantes. Declinei o convite, mas propus ir lá e, durante uma hora, responder às perguntas que me colocassem. Um dos estudantes perguntou-me: “Acha que a Alemanha foi responsável pela última guerra?”. Respondi: “Sim, certamente.” Um jovem alemão, titular de uma bolsa Rhodes, levantou-se então e declarou: “Depois deste insulto ao meu país, não posso continuar aqui.” E retirou-se altivamente, debaixo de uma trovoadade aplausos. Vim a encontrar o corajoso jovem. Dois anos depois, descobriram na Alemanha que ele tinha um antepassado judeu, o que pôs fim à sua carreira no seu país. (Nota do autor)

⁸ Não contando as baixas da Rússia. (Nota do autor)

violentamente atingidas pela crise experimentaram a crescente necessidade, com o correr dos anos, de impor tarifas restritivas a estas mercadorias japonesas, as quais eram produzidas em condições de trabalho sem comparação com as da Europa ou da América. A China era, assim, mais do que nunca, o principal mercado de exportação japonês para os têxteis e outros produtos manufacturados; além disso, ela também era, para o Japão, a procedência quase única de carvão e de ferro. Controlar cada vez mais estreitamente a China tornou-se, portanto, o objectivo principal da política japonesa.

Em Setembro de 1931, sob pretexto de desordens locais, os Japoneses ocuparam Mukden⁹ e a zona do caminho-de-ferro manchu. Em Janeiro de 1932, exigiram a dissolução de todas as associações chinesas de carácter antinipónico. Tendo o governo chinês recusado, os Japoneses desembarcaram, em 28 de Janeiro, ao norte da concessão internacional de Xangai. Os Chineses resistiram corajosamente e, sem aviação, sem armas anticarro, sem nenhum armamento moderno, prolongaram a sua resistência durante mais de um mês. No final de Fevereiro, depois de pesadas baixas, foram obrigados a abandonar os seus fortes na baía de Wu-Sung e posicionaram-se 20 quilómetros para o interior. No início de 1932, os Japoneses criaram o Estado-Fantoches de Manchukuo. Um ano mais tarde, anexaram-lhe a província de Jehol e, em Março de 1933, as tropas japonesas, avançando profundamente num país sem defesa, atingiram a Grande Muralha da China. Esta política agressiva correspondia ao crescimento do poderio japonês no Extremo-Oriente e ao novo estatuto que adquirira como potência naval.



Desde o primeiro tiro, a agressão cometida contra a China provocou a mais viva hostilidade nos Estados Unidos, mas a política de isolamento americana era uma faca de dois gumes. Se os Estados Unidos fossem membros da Sociedade das Nações (SDN), não restam dúvidas de que poderiam pressionar a Assembleia a adoptar uma acção na qual eles seriam os principais mandatários. Pela sua parte, o governo britânico não demonstrou qualquer vontade de agir somente com os Estados Unidos; além do mais, não desejava estar em guerra com o Japão senão quando obrigado pela Carta da Sociedade das Nações. Em muitos meios britânicos, lamentava-se vivamente a perda da aliança japonesa¹⁰ e as suas consequências, isto é, o enfraquecimento da posição britânica no Extremo-Oriente, tão antiga e tão lucrativa. A bem dizer, dificilmente poderemos censurar o governo de Sua Majestade, que estava então gravemente afectado pela crise financeira e pelos crescentes embaraços europeus, se, nessa ocasião, não procurou desempenhar um papel determinante no Extremo-Oriente, ao lado dos Estados Unidos, sem estar seguro de um auxílio equivalente da América nos negócios europeus.

⁹ Actual Shenyang. (Nota do tradutor)

¹⁰ Firmada em 30-01-1902, quando a isso levou a crescente presença naval alemã no Pacífico. (Nota do tradutor).

Entretanto, a China era membro da Sociedade das Nações e, mesmo não tendo pago a sua contribuição financeira, apelou para a Assembleia para solicitar, simplesmente, que fosse feita justiça. Em 30 de Setembro de 1931, a SDN convidou o Japão a retirar as tropas da Manchúria e, em Dezembro, foi nomeada uma Comissão para proceder a uma investigação no local. A Sociedade das Nações confiou a presidência deste organismo ao conde de Lytton, digno descendente de uma família que se havia ilustrado de diversas maneiras. Durante longos anos, Lytton tinha sido governador de Bengala e Vice-Rei Interino das Índias e era possuidor de uma larga experiência dos negócios do Extremo-Oriente.



A Comissão Lytton em Xangai. Lytton é a figura do centro.

O relatório da Comissão, que foi aprovado por unanimidade dos seus membros, constituía um documento notável e serve de base fundamental para qualquer estudo sério do conflito sino-japonês. Expunha, cuidadosamente, todas as circunstâncias do caso da Manchúria e a conclusão era simples: o Manchukuo era uma criação artificial do Estado-Maior japonês e a vontade das populações não contara nada na formação deste Estado-Fantoches. O relatório de Lorde Lytton e dos seus colegas não analisava apenas a situação, formulava também propostas concretas para alcançar uma solução internacional: a proclamação da autonomia manchu. Sob a égide da Sociedade das Nações, a Manchúria continuaria a fazer parte da China e seria estabelecido, entre a China e o Japão, um tratado pormenorizado e completo para regular os seus respectivos interesses na Manchúria. O facto de a SDN não ter podido dar seguimento às suas propostas não invalida o valor do relatório de Lytton. A propósito deste documento, o Secretário de Estado americano Stimson escreveu o seguinte: «Este relatório, desde que foi publicado, constitui uma referência de autoridade sobre o assunto nele tratado, devido às suas marcantes qualidades de imparcialidade, conservando, ainda hoje, todo o seu valor.» Em Fevereiro de 1933, a Sociedade das Nações declarou ser impossível o reconhecimento do Estado do Manchukuo. Apesar de não ter sido adoptada nenhuma sanção nem qualquer acção contra o Japão, este retirou-se da Sociedade das Nações, em 27 de Março de 1933. A Alemanha e o Japão tinham outrora sido inimigos, no decorrer a Grande Guerra, mas, presentemente, era já imbuídos de outro espírito que se voltavam um para o outro. Ficava demonstrado, doravante, que a autoridade moral da SDN não se apoiava em qualquer força material, numa época em que tínhamos a maior necessidade de a ver manifestar a sua actividade e o seu poder.

* * *

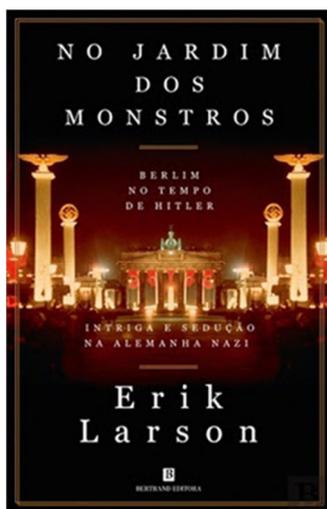
A História deve julgar como altamente censurável não apenas a conduta seguida durante todos estes anos fatais por um governo britânico nacional de maioria conservadora, mas também a atitude que tomaram o partido Trabalhista-Socialista e o partido Liberal, dentro como fora do governo. Recapitulemos. Tínhamos prazer em ouvir doces banalidades; recusávamos fazer frente às realidades desagradáveis; procurávamos a popularidade e os sucessos eleitorais, sem ter em conta os

interesses fundamentais do Estado; amávamos a paz com um amor sincero, mas alimentávamos a lamentável ilusão de que essa paz podia alicerçar-se apenas no amor; era evidente que os dois chefes da coligação governamental careciam de vigor intelectual; o Sr. Baldwin tinha uma profunda ignorância acerca da Europa e os problemas relativos a este continente só lhe inspiravam aversão; o partido Trabalhista-Socialista, nessa época, encontrava-se dominado por um pacifismo profundo, levado ao extremo; o excessivo amor dos liberais por tudo o que era sentimento, independentemente da realidade; a incapacidade, para não dizer pior, do Sr. Lloyd George para concluir a sua obra, ele que havia sido tão grande na condução da guerra... Tudo isso teve a aprovação de maiorias esmagadoras nas duas Câmaras do Parlamento. Tudo isso concorreu para formar uma imagem da enfatuação e da incapacidade britânicas, que, se bem que isentas de malícia, nem por isso mereciam menos ser condenadas. Tudo isso, enfim, sem proceder de uma intenção perversa, contribuiu para desencadear no mundo horrores e misérias de que podemos dizer, apesar de não termos ainda visto o fim, que desafiam qualquer comparação na história da humanidade.

Winston Churchill, *The Second World War*.

Tradução de David Martelo, a partir da versão francesa da obra – *Mémoires sur la deuxième Guerre Mondiale – Vol. I – L’Orage Approche – D’Une Guerre à l’autre – 1919-1939*, Plon, Paris, 1948, pp. 84-90.

Gravuras colocadas pelo tradutor.



Para complementar este período da história europeia, aconselho vivamente a leitura desta obra. Nela se poderá recordar o progresso do regime nazi, após a chegada ao poder, o papel destacado de Ernest “Putzi” Hanfstængel e o relacionamento que este qualificado aventureiro teve com Martha Dodd, filha do embaixador dos Estados Unidos em Berlim, William Dodd. Absolutamente a não perder.

D.M.